

DA PESCA À FESTA DE SÃO PEDRO EM TAMBAÚ: UM OLHAR SOBRE O SABER-FAZER DE PESCADOR

FROM FISHING TO THE ST. PETER'S FESTIVAL IN TAMBAÚ: A LOOK AT THE FISHERMAN KNOW-HOW

Cleomar Felipe Cabral Job de Andrade

rosanegra_cleo@hotmail.com

Doutora em Sociologia pelo PPGS da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

RESUMO

Esse trabalho busca realizar uma reflexão sobre o trabalho e a festa¹, como essas esferas que se entrelaçam e se constroem na história de vida dos antigos moradores de Tambaú, área hoje extremamente valorizada do litoral de João Pessoa, Paraíba. Surgem, a partir desse entrelace, as práticas e o universo simbólico que se estabelecem no *saber-fazer de pescador* e nas relações sociais e parentais construídas no mar e prolongadas em terra, ou ainda, construídas em terra e revivificadas nas jornadas no mar. A Festa de São Pedro, realizada anualmente pelos pescadores, reúne também outros grupos sociais da região, tornando-se espaço de disputa e (re)criação da festa, acentuada com o estabelecimento da Paróquia de São Pedro Pescador nessa localidade. Foram utilizadas, além de história de vida com alguns participantes, as conversas informais e entrevistas apoiadas em roteiros temáticos, com registros nos contextos culturais habituais por meio de anotações escritas, gravador de áudio e fotos. As relações simbólicas e o saber-fazer dos pescadores estabelecem domínio e especificidades à Festa de São Pedro nessa região, evidenciando a importância do mestre, a hierarquia no barco e a hierarquia em terra, a concepção de sagrado dos pescadores, a “festa-participação” e os processos de exclusão e reinvenção da festa.

Palavras-chave: Pesca. Festa. Patrimônio Imaterial.

ABSTRACT

This paper seeks to develop a reflection on the work and the festival, the way these spheres intertwine and build the life history of the long-time residents of Tambaú, today an extremely valued area at the coast of the city of João Pessoa, Paraíba. From these interviews we may see, arising, practices and the symbolic universe that are established by the fisherman's know-how and social and family relationships that are built at sea and prolonged on land, or even built on land and revived in work at the sea. The Festival of St. Peter, held annually by the fishermen, also gathers other social groups from the region, making room for disputation and (re)creation of the festival. This scenario became more pronounced with the establishment of St. Peter Fisherman Parish in that locality. For the research were used the life history method, informal conversations and interviews based on thematic guidelines, with records in the usual cultural contexts through written notes, audio recorder and photos. The symbolic relations and the fisher-

men's know-how establish specificities and domain to the Festival of St. Peter in this region, highlighting the importance of the master, the hierarchy in the boat and the hierarchy on land, the concept of sacred for the fishermen and the processes of exclusion and reinvention of the festival.

Keywords: Fishery. Festival. Intangible Heritage.

INTRODUÇÃO

A Festa de São Pedro é realizada anualmente, no mês de junho, pelos pescadores de Tambaú, região situada no litoral de João Pessoa (PB), ao mesmo tempo em que outros grupos sociais da região, a maioria pertencentes à classe média, participam, disputam e (re)criam a festa, a partir do estabelecimento da Paróquia de São Pedro Pescador nessa localidade.

Iniciei um trabalho com os moradores e ex-moradores de Tambaú, ainda na graduação em Ciências Sociais, através das pesquisas “Literatura e memória cultural: fontes para o estudo da oralidade” e “Laços de família: outras memórias e registros da cultura popular brasileira”, coordenadas pela Prof^a. Dr^a. Maria Ignez Novais Ayala e co-orientadas pelo Prof. Dr. Marcos Ayala, financiadas pelo PIBIC/CNPq.

No mestrado, nos anos de 2003 e 2004, enquanto pesquisava as mudanças na região de Tambaú e as festas populares a partir da memória dos antigos moradores desse lugar, a participação e observação da Festa de São Pedro foram desempenhadas de forma assistemática. O entusiasmo em participar e conhecer mais desse festejo ocorreu mesmo depois de ouvir as narrativas de Seu Arlindo, antigo morador e pescador dessa região, descrevendo como era bonita essa festa. Nesses anos, fui para a praia de Tambaú ver a festa, com a intenção de participar, de conhecer a celebração e as pessoas que faziam parte dessa manifestação; porque mesmo morando nessa região há muitos anos esse momento festivo era completamente desconhecido para mim.

Ainda hoje, quando é mencionada a realização dessa festa tradicional dos pescadores nessa região percebermos a reação de surpresa devido ao processo de invisibilização, não só da festa, mas dos pescadores e de seus familiares, que permanecem residindo nessa região, e de quase tudo que está relacionado ao seu universo, embora seja impossível não ver o mercado de peixe ou os barcos ancorados na praia de Tambaú.

Passei a questionar-me como algumas ou várias celebrações populares, de profundo significado para a população que as realiza e de grande importância quando nos referimos à diversidade cultural brasileira, muitas vezes executadas tão próximas fisicamente, ainda passam invisibilizadas ou tomadas como exóticas, até o momento de sermos “disciplinados” por uma nova forma de olhar, ou mesmo, como diria Cardoso (2006), por uma “domesticação teórica do olhar”.

No doutorado, surgiu o interesse em pesquisar a Festa de São Pedro. O que interessava não era entender a festa em si, mas compreender as relações sociais construídas a partir da festa, porque conforme Brandão (1989, p. 08), “a festa é uma fala, uma memória e uma mensagem”. Com esse foco, durante seis anos consecutivos, de 2006 a 2011, minha participação e imersão na festa já se deram de forma diferenciada, sistemática, na tentativa de observar, mais especificamente, as *relações de poder* no processo de organização e realização desse festejo. Esse processo me levou a falas, memórias, mensagens e ainda permitiu entender quais mudanças significativas para seus participantes tinham ocorrido nessa celebração.

Dessa forma, foi possível observar como ao longo dos anos algumas esferas da vida vão ganhando outras características que acabam diferindo tempos e modos de vida. Tempos em que os espaços de sociabilidade e trabalho eram entrelaçados. Tempos em que Tambaú era região de pescadores e hoje destacada enquanto pertencente à classe média.

Segundo García Canclini (1983, p. 54) para conhecermos o modo de vida de uma comunidade ou sociedade, também precisamos adentrar nas festas populares realizadas ou narradas pelos seus moradores, porque elas “são um modo de elaborar simbólica, e às vezes de se apropriar materialmente, do que a natureza hostil ou a sociedade injusta lhes nega, celebrar esse dom, recordar e reviver a maneira como o receberam no passado, buscar e antecipar sua chegada futura”.

Mauss (2003), em seu “Ensaio sobre a dádiva”, um estudo realizado sobre o sistema de trocas em Sociedades Arcaicas, ressalta que a tripla relação obrigatória de dar, receber e retribuir bens e serviços constitui um *sistema de prestações totais*, que se dão a partir das relações sociais. Para o autor, a dádiva revela a lógica da organização social.

Dessa forma, o enfoque desse trabalho foi realizar uma reflexão sobre o trabalho de pescador e a Festa de São Pedro, como essas esferas se entrelaçam e se constroem na história de vida dos antigos moradores de Tambaú.

Foram utilizadas, além de história de vida com alguns participantes da festa, as conversas informais e entrevistas apoiadas em roteiros temáticos, com registros nos contextos culturais habituais por meio de anotações escritas, gravador de áudio e fotos, durante o período de 2006 a 2011.

Alguns termos foram utilizados como sinônimos para a festa, ao mesmo tempo em que integram características da Festa de São Pedro, como: festejo, comemoração, celebração, diversão.

Desse modo, pode-se afirmar que a Festa de São Pedro em foco é de iniciativa dos pescadores associados à Colônia Z-3, localizada no bairro de Manaíra, sendo a maior parte dos colaboradores dessa pesquisa antigos moradores da região de Tambaú e, em menor número, recém-moradores de Tambaú e moradores da Penha, visto que parte desse festejo é realizada em conjunto com os pescadores desse bairro.

Surgem, a partir desse entrelace, as práticas e o universo simbólico que se estabelecem no *saber-fazer de pescador* e nas relações sociais e parentais construídas no mar e prolongadas em terra, ou ainda, construídas em terra e revivificadas nas jornadas no mar. É esse aspecto do *saber-fazer* específico do labor de pescador que focarei nesse trabalho.

Foi realizada uma descrição e discussão enfocando o momento da *barqueata*, na qual aparece à importância do mestre, a hierarquia no barco e a hierarquia em terra, a concepção de sagrado dos pescadores, a festa-participação, os processos de exclusão e reinvenção da festa.

FESTA ENQUANTO ESPAÇO DE CELEBRAÇÃO E RELAÇÃO DE PODER

Um ponto importante está relacionado aos estudos referentes à festa. Neles podemos encontrar posições distintas: a festa como negadora das regras sociais, ou seja, possibilitando uma inversão de valores, admitindo assim uma

fuga da realidade; a festa vista como uma forma de sintetizar a totalidade da vida de uma comunidade; ou ainda, a festa constituindo um modelo intermediário entre os dois modos citados. Para Amaral (1998, grifo da autora), ao analisar as festas brasileiras, afirma que elas exercem

“[...] simultaneamente o papel de negar e reiterar o modo como a sociedade se organiza justamente selecionando, através da inclusão e exclusão, pela vontade popular do que deve ou não estar presente nela, o que deve ser lembrado e o que deve ser relegado ao esquecimento; o que deve ser transformado e o que não deve...”.

Se Amaral (1998) nos permite ver a festa como mediação, Perez (2002) retoma a ideia de efervescência coletiva de Durkheim, quando afirma que:

“[...] a efervescência que aqui quero ressaltar é aquela que diz respeito à noção durkheimiana de exaltação geral, aquela dos momentos/situações nos quais as ‘energias passionais’ da coletividade encontram-se em estado de ‘exaltação geral’, nos quais a ‘influência corroborativa da sociedade se faz sentir com maior rapidez e muitas vezes até com maior evidência’, pois ‘as interações sociais tornam-se muito mais frequentes e mais ativas’”. (PEREZ, 2002, p. 21-22).

Conforme podemos observar, a ideia de festa para essa autora é apresentada como transgressora e instauradora de uma forma de associação, de uma nova forma de estar junto, de excesso, de desordem, produzida pela transgressão das normas vigentes. No entanto, essa transgressão não significa a inexistência de ordem. “Pelo contrário, a festa tem toda uma etiqueta própria que deve ser seguida, seu elemento é o princípio da inversão, do excesso” (PEREZ, 2002, p. 32).

Dessa forma, podemos perceber que outra ideia retomada por Perez (2002, p. 24), é a festa como paroxismo da sociedade, ou melhor, o rompimento com as preocupações da existência cotidiana para quem dela participa como outro mundo.

Perez (2002), ao propor uma Antropologia da festa, define as efervescências coletivas como ideia central de interpretação das socialidades que se instauram nessa extratemporalidade festiva. Alves (2005) colabora com essa ideia, quando afirma que o *tempo da festa* “é um tempo aberto e que se abre a todas as possibilidades de manifestação e onde as diferenças se neutralizam”, é uma espécie de parada cósmica e cíclica.

Por outro lado, para García Canclini (1983), que enfoca a heterogeneidade da cultura popular, já presente nos estudos de Gramsci (1968, p. 190), toda produção cultural surge a partir das condições materiais de vida. Nas classes populares “as festas estão ligadas de modo mais estreito e cotidiano ao trabalho material ao qual se entregam quase todo o tempo” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p. 42).

Ele estuda as manifestações culturais populares inseridas em um contexto sócio-cultural atravessado por contrastes sociais do capitalismo e pelo confronto entre as culturas hegemônicas e subalternas - aspectos semelhantes ao contexto brasileiro. García Canclini (1983, p. 54, grifos do autor) afirma que:

“[...] as festas camponesas, de raízes indígenas, coloniais, e ainda as festas religiosas de origem recente são movimentos de unificação comunitária para celebrar acontecimentos ou crenças *surgidos* da sua experiência cotidiana com a natureza e com os outros homens (quando nascem da iniciativa popular) ou *impostos* (pela Igreja ou pelo poder cultural) para comandar as representações materiais de vida.”

No caso, quando essas festas têm como propósito beneficiar os hegemônicos através da intensificação do consumo, a festa logo “reafirma as diferenças sociais, propicia uma nova ocasião para que se exerça a exploração interna e externa sobre o povo” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p. 56).

García Canclini nega a possibilidade de as festas que analisou servirem de fuga do cotidiano para as pessoas que as fazem. Segundo ele, “não podemos aceitar que a essência da festa seja a fuga da ordem social, a perseguição de um lugar ‘sem estruturas e sem código, o mundo da natureza onde só se exercem as forças do ‘id’, a grande instância da subversão” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p. 55).

Conforme essa pesquisa realizada por García Canclini (1983, p. 54), “a festa sintetiza a totalidade da vida de cada comunidade, a sua organização econômica e suas estruturas culturais, as suas relações políticas e suas propostas de mudança”.

Contudo, ao estudar as festas, é possível perceber que alguns elementos aparecem como indissociáveis da vida dos indivíduos de um dado grupo ou comunidade que compartilham daquela visão de mundo. Vale destacar também que se a festa sintetiza a totalidade da vida de uma comunidade ou sociedade, ela proporciona do mesmo modo a síntese de todas as hierarquias, desigualdades, discriminações, disputas presentes naquela região.

Considerou-se, a partir de diferentes abordagens, que as festas estão configuradas enquanto profundos códigos sócio-culturais em espaços geográficos, compostas pelas particularidades de cada contexto social, e elas possibilitam e são constituídas por celebrações, como também por *relações de poder*; compreendendo processos de institucionalização, aproximação, distanciamento, inclusão e exclusão de indivíduos ou grupos sociais.

Nesse caso, para melhor compreensão do ponto de vista aqui proposto, a festa aparece como objeto de estudo e conceito, o qual permite analisarmos a realidade social, entre consensos e conflitos, rupturas e continuidades, cor e cores, abarcando as relações sociais nela existentes. O fio a seguir nessa festa são as *relações de poder* que se apresentam na organização e realização da festa e para além dela, nos revelando as desigualdades e discriminações vivenciadas entre essa comunidade e sua vizinhança, as quais são protagonistas e estão inseridas em semelhante dinâmica social; como também laços de amizade, familiares e de solidariedade.

TAMBAÚ: AS MUDANÇAS DO LUGAR

O espaço atual que conhecemos como bairro de Tambaú compreende uma das partes da antiga região de Tambaú. Essa região já foi considerada, em meados do século XIX, povoado do município; na década de 1960, tornou-se distrito. Atualmente, encontra-se desmembrada em quatro bairros: Cabo Branco, Tambaú, Manaira e Bessa, situados no litoral de João Pessoa. Por isso, utilizarei a designação Tambaú, ou região de Tambaú, para diferenciar do atual bairro de Tambaú.

Nessa época, a população era pequena, em comparação aos dias atuais, os criadores de gado tinham pequenas propriedades agrárias, constituindo a camada mais favorecida do lugar. Os pescadores eram os menos favorecidos, possuíam geralmente casas de taipa, e eram eles que faziam quase todas as brincadeiras populares dessa região. Em Tambaú, eles formavam uma comunidade de negros, de pouca escolaridade e de baixa renda. Também existiam

os veranistas que, aos finais de semana, ficavam em suas casas à beira-mar ou nos períodos de férias.

Ao passar das décadas, o litoral foi se tornando uma região privilegiada para se morar e Tambaú passou a ser bastante valorizada devido a sua proximidade com o centro de João Pessoa, como também por se tornar um local de fácil acesso.

Nesse processo, os pescadores foram, em sua maioria, expropriados de suas casas em frente à praia, sendo deslocados para casas situadas em ruas mais afastadas da praia. Foram construídas as casas para os pescadores e dado direito de posse, sem direito a escritura. Nem todos foram “beneficiados” com essas primeiras casas, resultando, mais tarde, na construção da “Vila de Pescadores”, localizada entre as Av. Silvino Chaves e Sapé, a qual encontramos até os dias atuais.

Atualmente, essa região não é mais identificada por ser habitada por pescadores ou criadores de gado, visto que o primeiro grupo se tornou minoria e o segundo praticamente inexistente, tornando-se assim reconhecida como um conjunto de bairros habitados por moradores de classe média alta, com suas casas de alto padrão e edifícios. (SCOCUGLIA, 2000).

Tambaú vem passando por várias mudanças, dentre elas: aumento populacional em contraposição à redução das comunidades de pescadores e criadores de gado, maior número de trabalhadores e transeuntes devido ao acréscimo de espaços de diversão e comércio, violência, aparecimento e expansão dos edifícios residenciais, facilidades em fazer compras, abundância em transportes urbanos, modificação na “paisagem sonora²”, entre outras. Transformações que vão afetando as relações dos antigos moradores, sobretudo, os pescadores, com o distanciamento espacial do trabalho, divertimento, descanso, que propiciavam vivenciarem, ao mesmo tempo, relações de solidariedade e reprodução de hierarquias.

Foi possível notar também, se levarmos em consideração suas condições objetivas e relações simbólicas, os colaboradores podem ser divididos em dois grupos: os que residem ou residiram em Tambaú e na Penha, pertencentes à família de pescadores e, em menor número, os que residem também em Tambaú, mas desenvolvem outras atividades, geralmente classificados ou identificados como pertencentes à classe média.

A partir do tempo de residência, observou-se outras características e especificidades locais que diferem e interferem na relação entre os grupos aqui estudados, como: o grau de escolaridade, a remuneração, a cor de pele, os bens, áreas de descanso, assim por diante, e que conseqüentemente remetem a outras *relações desiguais de poder* que podem ser instituídas entre antigos e novos moradores.

Um fator objetivo de distinção e de identificação desses antigos moradores pertencentes ou relacionados ao universo da pesca é a residência. Ela serve como um fator de distinção entre antigos e novos moradores, entre famílias de pescadores e classe média.

A partir dessa relação, enfocamos o processo de *gentrification*, podendo ser destacado como um de seus efeitos o reforço das desigualdades existentes, desencadeando expropriações e invisibilizações dos grupos subalternizados.

Sendo assim, esse aumento populacional ocasionou a aproximação espacial de pessoas dos mais diferentes estratos sociais, econômicos, étnicos

e culturais, oriundos de dessemelhantes realidades, pondo em evidência desigualdades.

PARA ENTRAR NA FESTA

Nessa caminhada, três observações foram importantes norteadores em direção à festa. A primeira foi em relação ao período dessa comemoração, o qual seu Arlindo, assim como outros antigos moradores e pescadores tomavam como envolvendo dois dias de realização, 28 e 29 de junho.

A segunda observação era sobre os espaços da festa, que compreendiam a terra e o mar da região de Tambaú e da Penha. Sobre o deslocamento e ritual na composição dos espaços da festa, Brandão (1989, p. 39) nos chama atenção para o fato do culto religioso coletivo do catolicismo popular ser nômade, isso significa que, “fora situações de exceção, o que torna ritual uma cerimônia devota do catolicismo é sua qualidade de deslocamento, de viagem: [...] conduzindo seres sagrados através de espaços profanos, como a procissão”. Nesse caso, na Festa de São Pedro, ao se tratar, sobretudo, de comunidades pesqueiras, que trazem em seu cotidiano práticas (de trabalho, devoção e diversão) coletivas, devem ser consideradas as diferentes relações sociais estabelecidas na terra e no mar, e particularmente, entre Tambaú e Penha.

A terceira observação, decorrente das duas primeiras, percebida somente após alguns anos de participação nessa celebração, refere-se à Festa de São Pedro (ou à Procissão de São Pedro, como também é denominada por seus participantes³) marcada por cinco grandes momentos: a **organização**, que antecede os momentos de procissão e festa. A realização da procissão, composta por procissão terrestre, tais como: a **carreata**, ocasião na qual a imagem do santo é levada de Tambaú para Penha; e as **caminhadas**⁴, quando os fiéis saem a pé, que ocorrem em dois momentos distintos, na Penha e em Tambaú; e procissão marítima, nomeada também pelos pescadores de **barqueata**, que consiste no processo de retorno da imagem para Tambaú. Por fim, a **festa** de encerramento em Tambaú.

Para os “de fora” e “de longe”, a procissão se resume a *barqueata* e *caminhada* pelas ruas de Tambaú até a Igreja de São Pedro Pescador. Para os “de dentro” e “de perto”, a procissão consiste nesses cinco momentos: *organização*, *carreata*, *barqueata*, *caminhadas* e *festa*, que são vivenciados de forma diferenciada por seus integrantes.

Essas categorias, “de fora”, “de longe”, “de dentro”, “de perto”, estão sendo utilizadas para sintetizar e relacionar os grupos que constituem o cenário da Festa de São Pedro. Adiante, colocarei mais especificamente as diferenças entre os grupos e sua participação na festa.

Dessa forma, a Procissão de São Pedro Pescador, tomada como processo festivo, é composta, mesmo não diretamente mencionada, mas possível de ser observada, por esses distintos momentos de procissão marítima e terrestre: *a carreata*, *a barqueata* e *as caminhadas*, além de sua *organização e festa*.

A Festa de São Pedro ou Procissão de São Pedro, conforme aparece em diferentes relatos dos colaboradores, refere-se à totalidade da festa, a todas as fases de realização e organização (da ornamentação às festas de encerramento), como também da participação, institucionalização, integração e conflito presentes nessa comemoração em devoção ao santo homenageado.

A FESTA DE SÃO PEDRO

A Festa de São Pedro é uma das mais importantes manifestações populares de Tambaú para os antigos moradores, em especial, pescadores e seus familiares, como também, para os devotos do santo.

Ao saber que as relações sociais se dão em constante processo de negociação das partes envolvidas, temos na organização dessa festa a participação de diferentes segmentos: os pescadores e suas famílias, a direção da Colônia de Pescadores de Tambaú e representantes e integrantes da Igreja Católica de São Pedro Pescador. Já na realização, encontramos pessoas dos mais diferentes estratos sociais e oriundos de vários bairros de João Pessoa.

A festa é iniciada, para os “de dentro”, a partir da escolha da casa em que ficará a imagem no bairro da Penha e do barco que transportará o andor de volta a Tambaú (não há uma data específica para essas escolhas), na decoração dos barcos, na preparação das comidas e, de forma especial, nas celebrações realizadas na Penha. Para “os demais”, a festa é iniciada com a saída dos barcos, da praia de Tambaú para a Penha, para buscarem a imagem de São Pedro, no dia vinte e nove de junho.

Foi elaborado um quadro para destacar a participação nas várias fases e festas da festa dos grupos presentes na procissão, a partir das categorias adotadas: os “de dentro”, geralmente pescadores, seus familiares e amigos, constituídos nas relações de trabalho e descanso, que residem ou residiram na região de Tambaú ou bairro da Penha. Os “de perto”, considerados os demais moradores de Tambaú e Penha, ou fiéis da igreja católica de Tambaú, que participam diretamente da organização e realização da festa. Esses dois grupos, “de dentro” e “de perto” estão diretamente envolvidos na organização e realização da procissão. Já os “de fora” são pessoas que residem nos bairros onde ocorre a procissão e não participam da organização da festa. Os “de longe” são pessoas que vêm de bairros circunvizinhos ou afastados da orla e de outros municípios, como também pessoas que estão de passagem, por exemplo, os turistas e transeuntes, e que não participam da organização da festa. Os “de fora” e “de longe” são pessoas que não tem nenhuma ligação direta com a organização e realização da festa. Vejamos o quadro abaixo:

| Data | Procissão de São Pedro | Para “os de dentro” | Para os demais participantes |
|-------------|--|---------------------|------------------------------|
| 28 de junho | Enfeite do andor de São Pedro | Participam | Não participam |
| 28 de junho | Carreata: Tambaú – Penha | Participam | Não participam |
| 28 de junho | Recepção da imagem na Igreja da Penha. | Participam | Não participam |
| 28 de junho | Casa que a imagem passará a noite. | Participam | Não participam |
| 29 de junho | Saída dos barcos em Tambaú para pegar a imagem na Penha | Participam | Pouca participação |
| 29 de junho | Caminhada em procissão na Penha para levar a imagem para o barco. | Participam | Não participam |
| 29 de junho | Barqueata dos pescadores da Penha para Tambaú | Participam | Pouca participação |
| 29 de junho | Chegada da barqueata na praia de Tambaú | Participam | Participam |
| 29 de junho | Caminhada em procissão na região de Tambaú para a Igreja de São Pedro Pescador | Participam | Participam |
| 29 de junho | Missa na Igreja de São Pedro Pescador | Pouca participação | Participam |
| 29 de junho | Festa de encerramento | Pouca participação | Participam |

As ocorrências destacadas enquanto marcos que compõem a procissão, como: a *carreata*, a *barqueata*, as *caminhadas* se realizam sequencialmente, somente as *organizações e festas familiares* aparecem simultaneamente nos diferentes espaços do festejo; como também parte da programação organizada pela igreja ocorre paralelamente a outros momentos da procissão. Gostaria de destacar para essa análise o momento da *barqueata*.

A *barqueata* é o momento no qual os pescadores em seus barcos transportam a imagem de São Pedro da praia da Penha para Tambaú em procissão pelo mar. Para os pescadores que são de Tambaú, esse momento da *barqueata* é iniciado, entre às treze e quatorze horas, quando os pescadores saem com seus barcos em direção à praia da Penha, onde está a imagem de São Pedro. Nesse mesmo momento em terra, na Penha, há uma concentração de pessoas e preparação para a caminhada com saída da casa do pescador que foi escolhido até a praia; mais adiante, várias pessoas lotam os bares ou simplesmente ficam na areia da praia aguardando a chegada dos barcos de Tambaú e a caminhada com a imagem, que em sequência será transportada em *barqueata*.

Enquanto isso, na praia de Tambaú, uma multidão - formada principalmente por familiares de pescadores (nem todos moradores da região); por membros da igreja que residem em Tambaú e fiéis que moram em diferentes bairros de João Pessoa - aguarda o surgimento da imagem pelo mar, que vem em *barqueata*, para seguir em *caminhada* pelas ruas da região até a Igreja de São Pedro Pescador. Na igreja, situada no bairro de Manaíra, se encontram do mesmo modo fiéis que esperam a celebração da missa em homenagem a São Pedro.

Os familiares dos pescadores, amigos e outros pescadores (esses últimos geralmente integrantes da equipe de pesca ou antigos pescadores que já não exercem esse trabalho) participam desse momento de procissão marítima. O barco nessa ocasião não é mais um lugar de trabalho, mas de realização de festa e expressão de fé. Para essa comemoração as pessoas de cada tripulação contribuem da forma que convém. Quase todos os barcos são ornamentados para essa ocasião.

A festa que ocorre em cada barco particular também tem como característica ser “fechada”, no sentido de se ter o controle e conhecer as pessoas que irão participar e compor cada tripulação, no entanto também é uma festa que tem seu sentido entrelaçado à procissão, conforme as características de quase todas as *festas na festa e festas da Festa de São Pedro*.

Vale salientar que não é difícil encontrar um pescador que ceda um lugar em seu barco, a dificuldade está em ser um lugar bastante concorrido. Do mesmo modo, não faz parte do comportamento dos pescadores negarem a um pedido de alguém que queira ir à procissão marítima. Entretanto, na maioria dos barcos se tem a ocorrência de confraternizações familiares e entre amigos. A *barqueata*, dessa forma, é a união de pequenas embarcações em festa compondo a procissão marítima.

Se Brandão (1989, p. 41), ao falar da variedade de situações rituais dos camponeses católicos, sintetiza-os enquanto “ir de um lugar comum a um lugar sagrado; fazer em um lugar sagrado ou provisoriamente consagrado um ou vários ritos de celebração; fazer circular o sagrado pelo espaço comum da vida cotidiana”; então podemos dizer que a *barqueata* é a união de pequenas embarcações em festa compondo a procissão marítima religiosa, é ainda o lugar temporariamente consagrado da vida laboral dos pescadores para a realização desse rito de celebração. Nessa ordem, as *caminhadas* decorrem do ajuntamento

de pessoas que saem a pé carregando uma divindade pelos lugares comuns da vida cotidiana, constituindo um ato religioso em processo de santificação.

Se o barco, enquanto instrumento e lugar de trabalho, não é um espaço no qual a mulher esteja presente, conforme assinala Maldonato (1994); nesse momento de procissão é um lugar de diversão e devoção também para as crianças e esposas dos pescadores.

Essa não foi a única vez que presenciei familiares, no sentido mais largo do termo, ocupando o barco. Ele pode ser também lugar de descanso, e nesse momento, se torna um espaço que permite a presença feminina. Alguns lugares frequentados no mar, como as piscinas naturais, algumas delas conhecidas somente pelos pescadores ou quando saem no fim de semana para *despescar* uma rede, é possível presenciar mulheres e crianças compondo a tripulação.

Ao mesmo tempo em que esse *lugar de trabalho* vai se transformando em *lugar de diversão e espaço consagrado*, a barqueata apresenta-se como um momento de maestria do pescador. Por isso, cabe agora apresentar e analisar a *barqueata* de dentro do barco, em meio ao mar.

Há sempre um perigo quando se pensa em entrar no mar, “o mar é traiçoeiro”, esse risco aumenta quando se manifesta chuva acompanhada de trovões e relâmpagos. Por essa razão, uma característica que acompanha os organizadores na preparação e realização da festa é a apreensão. Apreensão que a chuva desencoraje e dificulte as pessoas de acompanharem e realizarem esses momentos de procissão, principalmente, em ir buscar o santo na praia da Penha nas pequenas embarcações ou mesmo de participar da caminhada em Tambaú.

Entrar no mar com chuva é sempre mais tenso, tanto para os pescadores, pois requer especialmente do mestre uma maior habilidade; quanto para toda tripulação, no momento em que se encontram amigos, esposas e crianças no barco. Também é possível que algum desses convidados não saiba nadar. Assim, ter que *enfrentar* o mar acompanhado de chuva é mais um motivo de preocupação para o responsável pela tripulação.

Outro fator apontado pelos pescadores como motivo de alerta é o estado e o número de pessoas nos barcos. Um dos pescadores me contou, certa vez, que tinha deixado seu barco ancorado mais afastado do local de onde geralmente sai a procissão marítima, perto do Hotel Tambaú, porque era uma “confusão”, ressaltando a presença de alguns pescadores alterados e de pessoas que ele não conhecia e que desejavam ir à *barqueata*, aumentando o encargo do mestre que responde pela vida de todos quando se está no mar. Esse afastamento reforçava a ideia de perigo e responsabilidade, tanto quanto o fato desse momento ser de confraternização entre “familiares” em sua embarcação.

A festa começa bem cedo como nos dias de trabalho, alguns pescadores se divertem jogando dominó, bebendo, ouvindo música, na caiçara, outros só olham a diversão, e alguns já enfeitam seus barcos para a procissão. Os parentes dos pescadores também ajudam com os preparativos.

A procissão marítima e terrestre em Tambaú é realizada pelos pescadores, familiares, amigos e fiéis, moradores e não moradores da região. Os pescadores combinam um horário para saírem em procissão marítima de Tambaú em direção à Penha e fazem uma estimativa da hora de chegada (ao retornarem do trajeto entre a Penha e Tambaú), com base na experiência de conhecerem bem esse percurso, para em seguida darem continuidade à procissão em terra. No entanto, alguns pescadores saem mais cedo nos barcos, sinalizando outro perigo que só iria ser revelado mais tarde na barqueata: a *disputa*.

Pensava que o motivo principal, quando um pescador falou que queria sair mais cedo para chegar à Penha com tranquilidade, era o cuidado para que não houvesse uma superlotação ou a presença de um estranho na festa familiar, mas o que estava implícito era a esquiva da competição. De acordo com Maldonado (1994, p. 43), “o mar sugere competição, ao mesmo tempo em que a pesca é uma atividade na qual a cooperação e a competência dos participantes constituem também condições da produção”.

O que acontece, em meio à festa, em meio à procissão marítima, é uma sutil “disputa” entre os pescadores em querer estar bem próximo ao barco que transporta a imagem, é uma competição feita com a arte de manejar o barco. Sendo assim, essa “disputa” se estabelece no sentido de *competição* compreendida por Maldonado (1994), ou ainda a diferenciação estabelecida por Santos (2008), entre competição (ou concorrência) e competitividade, ao analisar a nova “ética” e valores estabelecidos na era da globalização. Para o autor (SANTOS, 2008, p. 46 e 57): a competitividade elimina toda forma de compaixão e “tem a guerra como norma. Há, a todo custo, que vencer o outro, esmagando-o, para tomar seu lugar”; já a concorrência, que parece ser vivenciada nesse momento da procissão, “exige o respeito a certas regras de convivência preestabelecidas entre os agentes”.

Cheguei exatamente ao meio-dia à praia, os pescadores estavam no barco virando o motor⁶. Sua família se encontrava em uma barraca, fazendo os enfeites do barco, preparando as comidas e bebidas para a festa na embarcação e esperando outras pessoas que faltavam chegar para compor a tripulação.

Na ida à Penha, tudo tranquilo, caía uma leve chuva e estavam no barco doze pessoas, entre elas: dois antigos pescadores, a esposa do pescador proprietário do barco, sua sobrinha e o namorado, o irmão, o cunhado, dois amigos, duas crianças e eu. O percurso entre Tambaú e Penha foi realizado em uma hora.

De vez em quando, um dos antigos pescadores andava, sem se segurar em nada, para frente do barco e ficava em pé, contemplando o oceano e os caminhos, como também demonstrando equilíbrio, habilidade exigida na arte da pesca diante o balançar do barco, no vai e vem das ondas do mar.

Ao chegar à Penha, o mestre ancorou a embarcação bem próxima à praia, para que todos pudessem descer e esperar a imagem, mesmo assim era preciso saber nadar. Todos que desceram do barco esperaram a imagem da procissão em bares, ou perto de barraquinhas ambulantes, bebendo, comendo, conversando e observando a movimentação. A praia da Penha já se encontrava cheia de pessoas que aguardavam os barcos de Tambaú, como também a chegada da imagem. Algumas pessoas estavam de roupa de praia, outras vestidas especialmente para a ocasião. Muitas senhoras, senhores, jovens e crianças, estavam em clima de festa, comendo e bebendo, outros aguardavam em reverência, esperando tão somente o santo chegar. Não havia nem um som alto, só as vozes das pessoas conversando, das crianças brincando, dos jovens paquerando.

Logo depois, foram surgindo os outros barcos de Tambaú, quase todos bastante cheios, como também carros de emissoras de comunicação de João Pessoa. Havia ainda uma lancha do Corpo de Bombeiros que acompanhou todo o percurso.

A imagem de São Pedro, então, apareceu, à praia da Penha, carregada por fiéis em uma pequena procissão. Fogos foram estourados. Não demorou muito para o santo logo ser colocado no barco que o levaria para Tambaú. Enquanto isso, as pessoas iam retornando a suas embarcações.

Inicia-se então a procissão no mar, aí se revela a “disputa” e o perigo. Essa disputa consiste em demonstrar habilidades de manusear o barco tão próximo a outros, como conhecer o nível do mar, para poder escolher os caminhos a serem navegados, mantendo-se o mais próximo possível do barco que transporta a imagem de São Pedro. Embora o tamanho conhecimento adquirido no exercício do trabalho, o excesso pode ocasionar colisões. Alertava um pescador, que há trechos nesse percurso que só há uma passagem devido as pedras e apenas podem atravessar poucos barcos de cada vez, por isso se faz necessário conhecer bem o mar para que a embarcação não naufrague.

Há no mar, nesse instante, realizando a procissão aproximadamente trinta barcos. Esse momento da procissão e de “disputa” incide também em um período de brincadeira, no qual não há ganhadores ou perdedores. O que existe como fundamental é uma grande demonstração de habilidades que são acompanhadas pelos olhos atentos dos *mestres*, dos participantes (tripulantes) ao demonstrar através de exclamações, risos e suspiros cada ousadia conquistada através da experiência e saber-fazer dos talentosos pescadores.

Nesse contexto, se a *barqueata* é a união de pequenas embarcações em festa compoendo a procissão marítima religiosa e o lugar temporariamente consagrado da vida laboral dos pescadores para a realização desse rito de celebração, o mestre que participa da celebração necessita do conhecimento adquirido no trabalho de pescador para compor o ritual das embarcações no mar, gestual da mestrança, específico dos mestres do mar. Aqui se fundem o saber-fazer do mestre pescador e o ofício sagrado na Festa de São Pedro em transportar, em lugares específicos de sua atividade marítima, a imagem do santo.

Segundo Maldonado (1994, p. 150), nesse contexto marítimo, “sem a mestrança, vale dizer, sem a hierarquia que garante a cooperação e a articulação de tarefas, sem a marcação que leva ao peixe” e sem o conhecimento para manusear o barco, não é possível apropriar-se do mar. Na relação entre os pescadores, segundo a autora, também fazem parte das experiências de trabalho e de vida, as noções “de respeito” e “de *segredo*”.

Brandão (1989, p. 182 e 176), ao descrever as qualidades e expressões do corpo e do rosto de um bom mestre de moçambiques e catupés, danças devocionais do catolicismo popular presentes em Minas Gerais, ressalta: “um ar rigoroso de poder de comando + a alegria inevitavelmente regida pelo ritmo que comanda + a deferência cerimonial diante de sujeitos iguais no ofício da festa ou de pessoas investidas de posições superiores nos festejos + a devoção típica do negro católico”. É o mestre (chamado também de capitão ou chefe), quem conduz o gesto e o culto.

A característica que diferencia a qualidade do saber, entre um mestre comum e um mestre especialista desses “ternos de dançadores”, é a capacidade de sutileza no ritual do gesto de cumprimento. Por outro lado, essa sutileza no domínio do gesto é uma cerimônia de solidariedade, porque “demonstra a todos não apenas que aqueles são e se respeitam como mestres e irmãos de fé e ofício, mas os separa dos outros”, dos que desconhecem ou não dominam esse segredo. Por essa razão, eles são denominados de *senhores do gesto e sabedores do segredo*, “por saber fazer com graça, no momento certo, o gesto único necessário” da cerimônia. (BRANDÃO, 1989, p. 177).

Nessa parte ritual da Festa de São Pedro, a *barqueata*, o comando também é dos mestres, só eles têm o *domínio e conhecimento* necessários para essa tarefa. Só eles, nesse momento, conhecem *os segredos* do mar. Entre eles, há os mais novos e os mais experientes mestres pescadores, há também uma hierarquia de demonstração sutil de conhecimento, ao reforçar a marcação do

mar entre Tambaú - Penha - Tambaú e a destreza de manejar o barco tão próximo a outras embarcações. Nessa ocasião, um pescador vai “cantando” as marcações, os perigos da travessia, da proximidade das embarcações e da necessidade de se conhecer bem seu ofício para não levar a pique o barco nesse momento de festa, celebração e disputa. É exatamente nesse instante que a identidade de pescador torna específica a Procissão de São Pedro: no conhecimento do mestre que leva ao mar o sagrado.

Na *barqueata*, o pescador não é só mestre da pesca, ele é mestre na festa, aquele que tem o comando e conhecimento de colocar no mar o “santo” e transformar esse ato em um rito de celebração e devoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Festa de São Pedro Pescador realizada, anualmente, em Tambaú, reúne, além dos moradores dessa região e seus familiares, pessoas oriundas de diferentes bairros de João Pessoa. É uma manifestação que aparece como importante celebração nas histórias de vida dos que residem há anos nesse lugar. Falar sobre essa festa é remeter-se ainda aos moradores da Penha, visto que, essa comemoração é realizada também por pescadores desse bairro, local em que ocorre parte do festejo.

A integração, trocas materiais e simbólicas, no divertimento e no trabalho, que implicam o envolvimento de dois espaços: terra e mar, além dos laços de solidariedade e parentescos entre os antigos moradores de Tambaú e da Penha, constituem fatores cruciais para o prolongamento e permanência das relações entre essas comunidades, conforme aparece nas narrativas dos pescadores de Tambaú.

É comum ouvir dos pescadores sobre a relação harmoniosa entre os pescadores dessas regiões, Tambaú e Penha. Isso implica que é possível o empréstimo de material de trabalho, ou mesmo, ir ao barco despescar uma rede na jornada de trabalho de um pescador. Presenciar a maestria de um pescador, possibilita também aprender com ele o conhecimento sobre (espaço, marcações, peixes e formas de pescar) naquela área. São esses momentos de festa e de trabalho que proporcionam também o aprendizado de como entrar e sair na comunidade e de como entrar e sair no mar.

Outro fator que deve ser evidenciado é a continuidade da realização da Festa de São Pedro em Tambaú. Esse fato, além de demonstrar a importância dessa comemoração na vida dos pescadores e seus familiares, provavelmente contribui para que constantemente a procissão apareça nos relatos dos antigos moradores, principalmente, quando se fala em diversão ou devoção, como surge também nas narrativas de recentes e antigos integrantes da festa, sendo destacadas, principalmente, as transformações que nela vêm ocorrendo e as dificuldades em sua organização.

Nessa perspectiva, a importância do sagrado e do mestre para tomadas de decisão; as *festas na festa* e *festas da festa*, ou seja, festas particulares resultantes de reuniões familiares; as diferentes formas de “disputas”, no mar e na terra, e festas paralelas recentemente “inventadas” pela igreja, foram aparecendo e costurando os marcos dessa comemoração e garantindo a permanência dos pescadores na realização dessa festa tradicional na região de Tambaú. Foi possível perceber que as relações simbólicas e o saber-fazer dos pescadores estabelecem domínio e especificidades a essa celebração.

Essa relação com o santo, a dimensão do sagrado no trabalho, na festa e na vida, para as pessoas do universo da pesca, que estão envolvidas com a Procissão de São Pedro, essa celebração é, sobretudo, um ato religioso de professar a gratidão, de respeito e amor ao santo que os protege cotidianamente na saúde e no trabalho árduo de pescador, de vários dias ao sol e noites “solitárias”, longe da terra e da família.

Outro fator importante se refere também à imensidão e aos perigos do mar, aos quais os pescadores estão submetidos. É preciso estar ciente dos perigos no trabalho enfrentados pelos pescadores no mar, da incerteza de se conseguir uma boa pescaria, do distanciamento da terra e dos familiares para entender a dimensão e o sentido do sagrado na vida delas.

Percebe-se, também, que a dimensão do sagrado permeia todo o festejo, mesmo que nem sempre dita; inclusive nas decisões sobre a festa, por exemplo, quando se menciona a escolha do barco que transportará a imagem de São Pedro em barqueata ou a casa na qual o santo ficará na Penha, por essa razão, nenhum pescador deve se negar ao ter o barco ou a casa escolhida. As festas nas embarcações ou nas residências também são atos de fé, porque às vezes em situações materiais não favoráveis, se recebe e festeja com alegria o santo e a união dos familiares, amigos e desconhecidos.

A imagem do santo vai consagrando o mar em barqueata pelas mãos e pelo *fazer-saber e saber-fazer* dos mestres da pesca. Esses que são mestres na pesca se tornam mestres no momento singular dessa festa, a *barqueata*. Esse *saber-fazer* da pesca se constitui em um elemento crucial para a continuidade dos pescadores na festa e cabe a eles, todos os anos, as decisões sobre as celebrações do dia 28 e 29 de junho até o momento da chegada da imagem de São Pedro, em Tambaú, para sair em *caminhada* pelas ruas do bairro.

A festa é um lugar de celebração da vida, das bênçãos recebidas, das relações entre companheiros de trabalhos e familiares que, por vezes, estão ou são afastados pela própria laboração de pescador ou por hoje morarem distantes, como resultado das diferentes mudanças. Tempo de confraternização, em que são realizadas *festas na festa e festas da festa* (nos barcos, na caiçara, nas ruas, nas residências, na igreja). Circunstância em que crianças, mulheres, terrestres desbravam o mar junto aos pescadores e retornam a Tambaú, retornam às casas dos parentes e amigos que lá ainda residem. Desatam e amarram relações vivenciadas no mar e prolongadas em terra, relações familiares em seu sentido mais amplo, chegando a interligar regiões, Tambaú e Penha, ao sagrado. Momento de marcar a presença dos pescadores, enquanto moradores, na região de Tambaú.

NOTAS

¹ Essa reflexão sobre trabalho e festa é uma retomada do resultado alcançado no doutorado e dado continuidade para o IVREA/XIII ABANNE, no GT Antropologia das Populações Costeiras, coordenado por Francisca de Souza Miller e José Colaço Dias Neto.

² Sobre paisagem sonora ver R. Murray Schafer (2001).

³ Conforme aparece em diferentes narrativas, Festa de São Pedro e Procissão de São Pedro serão utilizadas também como sinônimas nesse trabalho.

⁴ Utilizei a palavra *caminhada* na ausência de um termo que melhor expressasse esse momento da procissão, no qual as pessoas saem a pé carregando a imagem do santo e entoando cânticos de devoção pelas ruas e lugares.

⁵ É comum ouvir também os pescadores se referirem aos familiares que residem em outros municípios como “de longe”. No entanto, por ser da família dos pescadores e voltar ao encontro dos familiares para o festejo, inclusive se hospedando na casa dos familiares, esses geralmente participam de quase toda a programação da festa.

⁶ Virar o motor significa deixar o motor funcionando, ligar o motor.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Isidoro. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. *Revista Estudos Avançados: Dossiê Amazônia brasileira II - Cultura*. [online]. 2005, vol.19, n.54, p.315-332. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142005000200017>> Acesso em: 17 mar. 2016.
- AMARAL, Rita de Cássia. *Festa à brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”*. 1998. Tese (Programa de Pós-Graduação em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>>. Acesso em: 10 set. 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus, 1989.
- CARDOSO, Roberto de Oliveira. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2006, p. 17-35. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=487uaSPk-0gsC&pg=PA12&dq=roberto+cardoso+de+oliveira+olhar,+ouvir,+escrever&hl=pt-BR&ei=9qF7TieAJL48Abj5qHOBg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q=roberto%20cardoso%20de%20oliveira%20olhar%2C%20ouvir%2C%20escrever&f=false>. Acesso em: 28 ago. 2010.
- CARDOSO, Ruth. (Org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- FIRMINO JÚNIOR, Luiz Gonzaga. “*Então descobriram que o mar também é um campo*”: pesca e pescadores em Tambaú. 2006. 162 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.
- FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez, EDUSP, 2000.
- SKLAIR, Jéssica. *O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da gentrification*. Cadernos de Antropologia Social, n. 30, p. 119-136, 2009.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *As culturas populares no capitalismo*. Trad. Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. (Org.). *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 09-23.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- MALDONADO, Simone Carneiro. *Mestres e mares: espaço e indivisão na pesca marítima*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1994. (Selo universidade: 7).
- _____. *Pescadores do mar*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios: n. 71).
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- PASSOS, Mauro. (Org.). *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PEREZ, Léa F. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro. *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.15-58.
- RAMALHO, Cristiano; CERQUEIRA, Nízia. Artesãos da pesca. *Revista Coletiva*, Pernambuco, ano1, n. 1, out/nov/dez. 2010. Disponível em: <<http://>

www.coletiva.org/site/index.php?option=com_content&view=article&id=263:artesaos-da-pesca&catid=45:reportagens>. Acesso em: nov. 2010.

SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. São Paulo: UNESP, 2001, p.1-30.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy C. *Cidade, habitus e cotidiano familiar*. João Pessoa: EDUFPB, 2000.

SILVA, Gekbede Dantas da. *O tempo das brincadeiras: memória, turismo e tradição em Barra de Camaratuba-PB*. 2006.191 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.